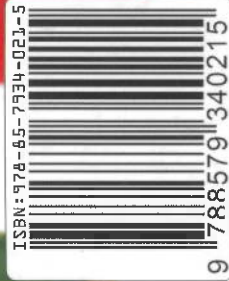


Quando falamos ou escrevemos, seja em que situação for, estamos sempre produzindo algum gênero textual. Essa constatação, por mais singela e óbvia que possa parecer, não vinha sendo levada em conta pelos manuais de ensino de língua. Na realidade, embora tenhamos certa competência tipológica intuitiva para a produção de muitos gêneros textuais, essa habilidade pode e deve ser analisada, treinada e ampliada. É precisamente a imperdoável lacuna nessa área que a presente coletânea de ensaios busca preencher com subsídios teóricos e sugestões de trabalho em várias direções na análise de múltiplos gêneros textuais, nos diversos meios de comunicação. Aqui, o professor de português, o estudioso da língua, os comunicadores e todo leitor preocupado em conhecer como se constituem e funcionam os gêneros textuais têm uma preciosa fonte de estudo e consulta. Assim, esta obra, única entre nós na especialidade, colabora de maneira substantiva com a última geração de manuais de ensino na perspectiva textual-discursiva, que concebe a língua como atividade interativa de caráter social, histórico e cognitivo.



ANGELA PAIVA DIONÍSIO
ANNA RACHEL MACHADO
MARIA AUXILIADORA BEZERRA

GÊNEROS TEXTUAIS & ENSINO

II

GÊNEROS TEXTUAIS & ensino

Angela Paiva Dionísio
Anna Rachel Machado
Maria Auxiliadora Bezerra
[organizadoras]

II
Paraná

podem ser explorados para atingir objetivos educacionais. Com esse estudo e essas definições, estaríamos contribuindo para aumentar o conhecimento sobre esse gênero e, conseqüentemente, para propiciar um maior grau de seu domínio pelos participantes envolvidos nesse tipo de interação.

Essas conclusões ainda nos levam a refletir sobre a falta de interesse dos alunos em frequentar os *chats* propostos em cursos virtuais (Horton, 2000), preferindo outros recursos. Essa falta de interesse e motivação poderia ser decorrência da pouca eficácia do gênero, uma vez que ainda não é dominado pelos participantes, impedindo-se, assim, que todas as suas potencialidades possam ser exploradas no contexto escolar.

Finalmente, visto como gênero em constituição e, conseqüentemente, como ferramenta ainda não dominada pelos usuários, devemos ficar atentos às representações que eclodem durante a interação, a fim de nos questionar sobre os papéis que assumimos como educadores desse meio e sobre as transformações que se fazem notar na construção de nossa identidade, transformações que são possibilitadas por essa ferramenta.

7 O GÊNERO QUARTA CAPA NO ENSINO DE INGLÊS

VERA LÚCIA LOPES CRISTÓVÃO

Este capítulo constitui parte de pesquisa de doutorado (Cristóvão, 2001), desenvolvida no Programa do LAEL, da PUC/SP, sob orientação de Anna Rachel Machado. Fundamenta-se no interacionismo sociodiscursivo, que postula a necessidade de serem descritos gêneros de texto para seu ensino na escola, a fim de que os alunos deles se apropriem e os utilizem como mediadores das atividades de linguagem. Segundo essa visão, um material didático pode ser uma ferramenta, que, uma vez transformada, transforma também a atividade. Dessa forma, concebemos que o ensino-aprendizagem de línguas possa ser efetivo, quando se alicerça na noção de gênero de textos, pois, a nosso ver, quanto maior for o conhecimento de gêneros diversos, mais possibilidades terá o agente de agir adequadamente com a linguagem em diferentes situações.

Por isso, acreditamos que o domínio dos gêneros como instrumentos possibilita aos agentes produtores e leitores uma melhor relação com os textos, pois, ao compreenderem como utilizar um texto pertencente a determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão também transferir conhecimentos e agir com a linguagem de forma mais eficaz, mesmo diante de textos pertencentes a gêneros até então desconhecidos.

A carência de estudos sobre o uso da noção de gênero para o ensino-aprendizagem de leitura em LE fez com que esse tema merecesse nossa especial atenção. Além disso, a maioria das pesquisas aponta vários aspectos negativos

observados no ensino de leitura (por exemplo, leitura como mero reconhecimento de sentidos, texto como pretexto para o ensino de vocabulário e/ou gramática etc.) ou os procedimentos inadequados utilizados em cursos para alunos universitários. Ora, se compreendemos que a leitura é um direito e um requisito para o exercício da cidadania, precisamos, então, buscar alternativas para superar esses aspectos negativos, desde o ensino fundamental e médio.

Sob esse ponto de vista, nós, pesquisadores e professores envolvidos com o estudo e o ensino de linguagem, devemos nos servir da descrição de gêneros na transposição didática dos conhecimentos científicos aos conhecimentos a ser ensinados para selecionar o objeto do conhecimento a ser trabalhado. Sendo assim, propomos trabalhar com a noção de modelo didático¹ (Dolz e Schneuwly, 1998) como instrumento para a elaboração de materiais para o ensino. A fim de ilustrar nossa proposta, utilizamo-nos do gênero quarta capa de livro (ou contracapa) como objeto de ensino de leitura em língua inglesa para alunos do Projeto Adequação Idade Série (PAIS) no Paraná. Nossa exposição está dividida em três partes:

- (a) a apresentação dos pressupostos teóricos acerca de modelo didático de gênero;
- (b) a descrição do modelo didático do gênero quarta capa de livro em inglês;
- (c) sugestões didáticas.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em nossa pesquisa, consideramos que o *modelo didático* de gênero pode se constituir como guia para a elaboração de material didático para o ensino de língua estrangeira. Assim, vejamos a seguir algumas características desse modelo e dos princípios que regem a sua construção.

Segundo Dolz e Schneuwly (1998), a análise e a classificação dos textos e a identificação dos gêneros é necessária para a construção de um modelo didático, que apontará os elementos a ser ensinados, ou melhor, o que pode ser objeto de ensino-aprendizagem dentro de uma situação de comunicação específica. Esse modelo didático é criado, então, a partir da observação dos seguintes elementos:

- (a) dos resultados de aprendizagem expressos por documentos oficiais e da determinação das capacidades reveladas pelos alunos;
- (b) dos conhecimentos dos *experts* na produção do gênero em foco e dos conhecimentos linguísticos já elaborados sobre ele;
- (c) das capacidades de linguagem dos alunos.

Além disso, é necessário que um *corpus* de textos pertencentes ao gênero seja analisado, para que sejam assinaladas suas características centrais. Para a construção de um modelo didático do gênero, deve-se, portanto, conhecer o estado da arte dos estudos sobre ele, incluindo suas características linguísticas e textuais; as capacidades e as dificuldades dos alunos em trabalhar com textos do gênero selecionado e as experiências de ensino/aprendizagem oriundas de documentos oficiais (Dolz e Schneuwly, 1998). Esses pontos ajudam a definir a intervenção didática e a construção do *modelo*. Com isso, podemos definir os objetivos do ensino do gênero adaptados ao nível dos alunos e organizar o conjunto de atividades voltadas para seu ensino.

Quanto ao tema a ser escolhido para o desenvolvimento das atividades com o gênero em sala de aula, ele deve ser suficientemente interessante e permitir a emergência de posições controversas e uma progressão no desenvolvimento das capacidades dos alunos. Para essa escolha, quatro dimensões devem ser levadas em consideração:

- (a) a dimensão psicológica, incluindo as motivações, a afetividade e os interesses dos alunos;
- (b) a dimensão cognitiva, refletindo a complexidade do tema e o estatuto do conhecimento dos alunos;
- (c) a dimensão social, envolvendo a densidade social do tema, suas potencialidades polêmicas, a relação entre eles e os participantes, os aspectos éticos, sua presença real no interior ou no exterior da escola e a possibilidade de, com ele, se desenvolver um projeto de classe;
- (d) a dimensão didática, que demanda que o tema não seja excessivamente cotidiano, mas que possa ser apreensível.

O modelo didático construído ainda deve respeitar os seguintes princípios de:

- (a) pertinência: respeitando-se as finalidades e os objetivos escolares em função das capacidades dos alunos;
- (b) legitimidade: utilizando-se de conhecimentos de *experts* considerados legítimos pela comunidade a que pertencem;

¹ A respeito de modelo didático de gênero, ver também artigo de Machado (2002), neste mesmo volume.

(c) solidarização: integrando-se as diferentes dimensões que constituem o gênero.

Logo, a análise feita para a construção do modelo didático tem o objetivo de apontar as capacidades de linguagem que poderão ser desenvolvidas a partir do trabalho com os textos empíricos. Certamente, essa transposição da teoria para a prática não se dá de forma linear ou diretamente. Toda situação de comunicação em foco deve ser considerada, bem como as representações que seus participantes têm dela.

Uma vez que nossa proposta de produção de material se baseia em gêneros, uma lista de controle desse material, contendo itens e categorias, deve também respitar as especificidades do gênero. Ora, uma vez que consideramos o gênero de texto como instrumento e objeto de ensino, suas características devem reger a elaboração das atividades integrantes de um manual ou outro tipo de material, respeitando-se, inicialmente, as capacidades de linguagem já dominadas pelos alunos.

2. a construção do modelo didático do gênero quarta capa

Seguindo as orientações delineadas acima, para a construção do modelo didático do gênero quarta capa, além de um levantamento do perfil da situação de ensino que fundamenta e orienta nossas escolhas dos elementos a ser ensinados no contexto em que nos inserimos, recorreremos à literatura pertinente de diferentes áreas, tanto à que é produzida por especialistas nesse gênero quanto à de pesquisadores do discurso. Além disso, procedemos a uma série de análises de quartas capas, com base no modelo de Bronckart (1997/1999). É uma síntese desse levantamento e dessa pesquisa bibliográfica que apresentamos a seguir.

2.1. Situação de ensino envolvendo o contexto do PAIS

Dentre as medidas propostas pela LDB de 1996, encontra-se a possibilidade de criação de classes de aceleração, para que os alunos possam frequentar uma série escolar adequada à sua idade. Assim, o Governo do Estado do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Educação - SEED, implantou o PAIS/ Projeto Correção de Fluxo para alunos repetentes e multirrepetentes

de 5ª, 6ª e 1ª séries em abril de 1997. O objetivo estabelecido, inicialmente, era o de dar novas oportunidades de sucesso escolar aos repetentes e multirrepetentes das três primeiras séries do ensino fundamental, bem como reintegrar os alunos evadidos. Partindo disso, a apresentação do projeto apontava a reprovação como resultado de práticas de ensino inadequadas.

Assim, os alunos repetentes e multirrepetentes da 5ª a 1ª séries foram reunidos para frequentar uma mesma classe, na qual estariam se preparando para uma série mais adequada à sua idade no ano seguinte. Segundo o projeto, a prática pedagógica não deveria se basear nos conteúdos tradicionalmente ensinados, mas esperava-se que houvesse uma "nova abordagem dos conteúdos e da prática docente" (Paraná, Módulo Introdutório, 1997:5).

A fim de levantar nossas representações sobre o contexto de produção do material de língua inglesa para o PAIS, usamos o quadro de contexto de produção proposto por Bronckart (1997/1999) para recuperá-las. Além dessas representações, contávamos com a informação de que os alunos tinham um nível básico de LI. Diante dessas informações, contrastamos os objetivos e conteúdos almejados para as 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental, já que os alunos estariam sendo preparados para frequentar a série subsequente no ano seguinte. Com esse conjunto de dados, formamos um perfil da situação de ensino, que fundamenta e orienta nossas escolhas dos elementos a serem ensinados nesse contexto.

2.2. Síntese da literatura dos especialistas e dos experts em quarta capa de livro

O emprego do termo *quarta capa* foi a nós sugerido por profissionais da área editorial, quando da produção do material didático. Entretanto, é preciso mencionar que, nos discursos do cotidiano, o termo mais usado é o de *contracapa*.

Com base nas definições (Honaiss, 1967/1983; Knychala, 1981) que encontramos, chamou-nos a atenção os aspectos que se referiram *aos trechos críticos sobre a obra; a face externa da contracapa e a função do editor em promover os textos literários*. O motivo de destacar esses pontos se dá pelo fato de que outras obras consultadas discorrem sobre aspectos que consideramos correlatos. Começamos com uma referência ao aspecto da veiculação de críticas literárias.

Em se tratando de anunciar e divulgar obras editadas, Lima (1985:89) defende a tese de que

quando simples e objetiva, em linguagem que realmente atinge o leitor comum, a crítica pode até mesmo motivá-lo; enquanto uma apreciação literária que analisa e julga a fundo a obra, interessa mais especificamente ao próprio autor e a um público limitado.

Compreendemos, assim, que os trechos críticos das quartas capas pretendem motivar o leitor; portanto, vão apresentar uma linguagem clara, objetiva e simples, tal como a autora preconiza.

Outra questão relacionada à edição dos livros diz respeito à posição paraxial do papel do editor. Segundo Unselid (1978/1986:20), a posição social do editor reúne a responsabilidade material e intelectual da publicação de um livro e, dessa forma:

O editor incentiva a literatura que reforça esses direitos fundamentais, que fortalece o indivíduo, quando ele se coloca a serviço do próximo e que também põe em discussão novas formas e novas teorias de nossa sociedade e de nossa economia, e se acha, no entanto, à frente de uma empresa que deve buscar lucro no domínio econômico.

Em relação aos trabalhos específicos sobre o gênero quarta capa, nossa pesquisa bibliográfica mostrou-nos uma grande escassez de trabalhos sobre ele, do ponto de vista linguístico-discursivo. Entretanto, encontramos alguns estudos que tratam desse gênero, sob o ponto de vista didático, o que nos pareceu bastante adequado e útil para nossa pesquisa. Um desses trabalhos é o de Reuter (1985), que introduz seu estudo sobre textos do gênero quarta capa de livro dando quatro motivos que justificam a utilidade de seu ensino: a possibilidade que ele daria para a exploração de conceitos culturais, a forma de articulação do texto, a sua função de guia dos leitores e o seu significado.

Com uma teoria de referência baseada no sistema de produção e recepção de textos, o estudo de Reuter (1985) é guiado por questões sobre os procedimentos que são utilizados para convencer o leitor a comprar o livro, sobre os componentes que aparecem no texto com relação à informação/argumentação e à narração/argumentação e sobre sua utilização pedagógica.

Assim, para o autor, as características desse gênero seriam as seguintes:

(a) apresentam-se como mais textuais e menos icônicos;

(b) permitem a presença ou ausência dos seguintes elementos: cor, código de barras, publicidade, foto do autor, numeração de volume, notas sobre o autor, lista das obras do autor, textos, extratos e resumos, críticas e citações. A presença e as características desses elementos podem variar em se tratando de produções restritas (como as de capa dura) ou de grande escala (para comercialização).

Com relação ao resumo que aparece nas quartas capas, o autor mostra as diferenças entre o resumo escolar e o resumo de quarta capa de livro². Este último não teria o objetivo de dispensar a leitura, mas de incentivá-la, produzindo no leitor a motivação de ler a história. Assim, esse resumo não seria uma redução do texto completo e caracterizar-se-ia por apresentar comentários sobre a temática da história, sua problemática, sem contá-la, fazendo menção ao gênero literário e aos personagens.

Mais recentemente, um grupo de pesquisadores, Koehler et alii (1999), também desenvolveram um trabalho com a produção escrita de textos de quarta capa de livros, em uma pesquisa sobre o ensino de produção escrita no sexto ano escolar, na Suíça francófona, analisando três aspectos da transposição didática: o discurso oficial, o ensino propriamente dito e a aprendizagem dos alunos. Nessa pesquisa, Koehler et alii (1999) advertem que o fim da história nunca deve ser revelado no resumo da quarta capa e que a presença de elementos que incitam a leitura pode resultar em uma apreciação global positiva, enquanto sua ausência traria uma apreciação negativa. Os autores ainda afirmam:

Um bom resumo incitativo seria um resumo parcial, que manifesta a compreensão do texto fonte, sintaticamente correto, sem ruptura da cadeia anafórica e com um título. Mas que, sobretudo, um resumo desse tipo deve conter elementos incitativos (Koehler et alii 1999:137).

Na opinião desses autores, a produção de quartas capas deveria conter os seguintes itens: título (com explicitação de editor; nome do autor; idade do destinatário; gênero; preço; ilustração; número de páginas); incitação (contendo questão; suspense; exclamação; interrupção sobre um evento relatado como excepcional; anúncio de um evento futuro; recorte; marca semântica; injunção a ler; modalização); resumo (contendo situação inicial; apresentação do problema); tempo no presente, passado ou uma combinação de ambos; a

² Em relação a resumos, ver Machado (2002), neste mesmo volume.

presença de procedimentos dialógicos; presença de parágrafos; presença de organizadores; uso adequado de anáforas ou problemas de repetição e/ou outros; sintaxe e pontuação adequadas; possibilidade de compreensão do texto. A nosso ver, apenas os três primeiros podem ser considerados como típicos da quarta capa, enquanto os sete últimos devem/podem ocorrer em qualquer gênero.

Além disso, assim como Reuter (1985), Koehler *et alii* (1999) defendem que a argumentação que se apresenta na quarta capa é marcada pela relação com a avaliação que o produtor tem da obra. A nosso ver, essa argumentação também será marcada pela representação que o produtor tem de seu destinatário, de acordo com a qual apresentará um ou outro argumento. Essa avaliação pressupõe julgamentos de valor e, normalmente, pode ser expressa pela (escassez de) modalização e pelas adjetivações.

2.3. Síntese da análise e resgate das unidades linguísticas recorrentes

Resumindo os resultados das análises que efetuamos de quartas capas de livros, temos o seguinte quadro:

QUADRO 1: CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO QUARTA CAPA DE LIVRO PARA LETURA EM LI

Gênero	Objetivo	Plano textual global	Tipo de discurso e de seqüência	Coesão nominal	Coesão verbal	Vozes	Escolha lexical
Quarta capa de livro	Informar o leitor sobre a obra e incitá-lo a ler	As partes textuais principais são a crítica da mídia e/ou comentário da editora e o resumo	Fusão da narração e do discurso teórico com seqüências narrativa e descritiva	Uso de anáforas pronominais e nominais	Predominância do simple present e do simple past para a narração e do simple present para a crítica	Vozes da editora e da mídia	Adjetivos subjetivos avaliativos axiológicos (que implicam julgamento de valor).

Com base em nossos pressupostos teóricos, contrastamos a literatura com os resultados das análises, articulamos os pontos de convergência e, finalmente, indicamos as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas para a leitura de quartas capas de livro, propondo um modelo didático desse gênero e selecionando os itens que deveriam ser objeto de ensino, conforme mostramos a seguir.

2.4. MODELO DIDÁTICO DE QUARTA CAPA DE LIVRO

Segundo o mesmo tipo de apresentação proposta por Bronckart e Dolz (1999), a apresentação das informações relativas ao gênero quarta capa será feita em relação aos seguintes planos: o plano da ação de linguagem (referente ao contexto de produção ou, em nossos termos, à situação de ação de linguagem), o plano discursivo (referente à organização interna) e o plano das propriedades linguístico-discursivas (referente às características linguístico-discursivas).

2.4.1. Plano da situação de ação de linguagem

Em termos do emissor dos textos, temos o indivíduo x, que, enquanto enunciador do texto, tem o papel social de empregado da editora, ou de crítico(s) da mídia e do próprio autor, com o objetivo de convencer o leitor a ler o livro. Prevê-se, assim, um conteúdo sempre favorável ao conteúdo a ser lido. O lugar de produção pode ser a própria editora, no caso do emissor ser um empregado designado para isso. No caso de críticas da mídia, os lugares variam de acordo com o emissor, que podem ser os escritórios onde os críticos trabalham, sejam jornais, revistas ou outras instituições. O importante é o papel social revelado pelo nome do crítico ou da instituição para a qual trabalha. Por exemplo, uma crítica assinada pelo jornal *The Times* pode respaldar o argumento de que o livro deve ser lido. Avaliamos a presença desses enunciadores como um recurso usado pelo editor para atingir seu objetivo. O momento de produção da quarta capa não é revelado explicitamente (mas pode ser calculada pela data da edição do livro, impressa, normalmente, na quarta capa).

Alguns elementos do contexto físico de produção das quartas capas podem ser rastreados diretamente nelas. Como o produtor do texto está intimamente relacionado à editora, seu nome é colocado aí como emissor. O lugar é o país onde o livro foi publicado e a data é da publicação pela editora.

Os receptores, por sua vez, não são mencionados. Eles podem ser leitores quaisquer; leitores do autor; leitores daquele gênero literário; enfim, uma variedade de possibilidades. Acreditamos firmemente que o plano da situação de ação de linguagem é uma das características dos gêneros mais importantes que deve ser discutida e avaliada pelos alunos/leitores para orientá-los para a leitura adequada e crítica do texto.

2.4.2. Plano discursivo

Em relação ao plano geral das quartas capas, encontramos uma série de características comuns nos textos analisados, que são a ocorrência do título da obra, do nome da editor(a), do(a) autor(a), do gênero literário, do preço, de ilustrações, ou fotos, e até mesmo a faixa etária do destinatário. Contudo, nem sempre estão todas elas presentes.

Examinando o plano geral do texto de quarta capa de livro, encontramos uma parte de resumo, que pretende incitar o desejo do leitor pela leitura, e, que, por isso, não apresenta uma redução do conteúdo do texto original, mas sim, uma espécie de chamada de atenção do leitor, objetivando criar algum efeito, suspense, medo etc. e instaurando um contrato de leitura particular. O que aí encontramos, em se tratando de quarta capas de histórias, é apenas sua situação inicial e a complicação. Outra parte importante é a de crítica(s), cujo(s) autor(es) é(são) comumente identificado(s) no texto. Outros comentários como dados sobre o autor e/ou a obra podem também ser veiculados.

Podemos concluir que o elemento argumentativo está sempre presente no texto de quarta capa de livro, já que esse elemento é grandemente responsável pela incitação à leitura, pela persuasão. A presença de elementos que incitam à leitura resulta em uma apreciação global positiva. Esse resumo incitativo comporta comentários avaliativos e um recorte do enredo, feito em função dos objetivos argumentativos. A parte de críticas também colabora para a incitação, ao passo que os comentários sobre o autor ou sobre a obra têm um caráter mais informativo.

2.4.3. Plano das propriedades linguístico-discursivas

Elementos de ordem linguístico-discursiva no corpo do texto se apresentam como componentes importantes de um resumo incitativo. São eles as

frases do tipo interrogativo; uma pontuação particular para mostrar suspense ou outro efeito desejado segundo o gênero literário da obra e o uso de adjetivos na descrição do ambiente em que se passa a história do livro.

Em relação aos mecanismos enunciativos e, mais especificamente, em relação à ocorrência de diferentes vozes nos textos, observamos que a voz do(a) editor(a) está presente em quase todos os textos, sendo que alguns são penetrados também por vozes da mídia, fazendo recomendação do livro. Em outros casos ainda, o(a) próprio(a) autor(a) se manifesta explicitamente.

Os resultados da análise apontaram ainda outras unidades linguísticas que se destacam:

- (a) anáforas nominais e pronominais para o estabelecimento da coesão nominal;
- (b) tempo verbal no *simple present* e *simple past* para narrar e *simple present* para argumentar em favor da obra;
- (c) densidade sintagmática alta, isto é, presença de muitos adjetivos modificando um único substantivo.

A partir do levantamento bibliográfico e do resultado de nossas análises, podemos eleger alguns elementos como objetos de ensino, a fim de levar a um maior domínio desse gênero. Essa escolha deve estar em estreita dependência com o contexto e com o objetivo para o qual as atividades didáticas se destinam. Em nosso caso, as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, reunidas em uma sequência didática, tinham como objetivo “despertar o interesse dos alunos pela literatura; aumentar seu leque de estratégias de leitura e desenvolver seu senso crítico”.

Dado esse contexto, os elementos escolhidos para serem ensinados foram:

- (a) para o desenvolvimento da capacidade de ação, a situação de ação de linguagem, no sentido de situar o aluno em uma situação típica de leitura de quarta capa de livro;
- (b) para o desenvolvimento da capacidade discursiva, responsável pela compreensão da infraestrutura dos textos, selecionamos os elementos que podem compor o plano geral de uma quarta capa de livro, a função desses elementos e suas possíveis formas de organização, incluindo-se o reconhecimento dos recursos de incitação utilizados;
- (c) para o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas relativas ao uso dos mecanismos de textualização e dos mecanismos

enunciativos, foram selecionados os adjetivos subjetivos avaliativos axiológicos; o *simple present* e o *simple past* para narrar e o *simple present* para argumentar em favor da obra; além das anáforas nominais e pronominais.

3. sugestões didáticas

Para o ensino de leitura de quartas capas de livros em LE, o reconhecimento dos elementos do contexto e dos recursos discursivos e linguístico-discursivos utilizados para incitar o leitor é pertinente, quando se pensa no objetivo de contribuir para a criticidade do aluno e de fazê-lo pensar no leitor que se tem em mente para a obra em questão. Quanto ao resumo incitativo, os alunos precisam compreender que o objetivo da quarta capa não é o de resumir o conteúdo da obra, mas de persuadir o leitor a fazer a leitura. Além disso, pode-se, ao trabalhar com o resumo incitativo, despertar a atenção do aluno para a contextualização dos resumos em geral, evidenciando-se as diferenças entre resumos escolares e outros tipos de resumos que aparecem em outros contextos.

Outros itens selecionados para ser ensinados são de ordem linguístico-discursiva, cujo ensino consideramos fundamental, principalmente quando se trata de ensino de LE. Entretanto, deve-se sempre ter em mente a função discursiva dessas unidades linguísticas. Se não, podemos correr o risco de apenas ensinar uma questão gramatical, sem fazer as necessárias relações com o gênero em que elas se encontram.

Outro tipo de trabalho possível, especialmente no trabalho com leitura, é o de levar o aluno, após a identificação dos diferentes recursos e unidades linguísticas presentes na quarta capa, a fazer uma análise da relação de sua ocorrência com o tipo de destinatário pretendido. Tal análise serviria ao propósito de desenvolver a criticidade do aluno, pois ele estaria desvendando os recursos persuasivos e sua relação com o contexto de produção.

Em suma, por meio do ensino das características típicas dos textos pertencentes a esse gênero, acreditamos que o leitor tenha melhores condições de lê-los de forma mais consciente e crítica.

8 AS LETRAS e a LETRA: O GÊNERO CANÇÃO na MÍDIA LITERÁRIA

NELSON BARROS DA COSTA

Este capítulo pretende verificar, a partir da observação de dois veículos da mídia literária (revistas especializadas em literatura), como o gênero canção é representado; quais de suas facetas são ressaltadas; que julgamento explícito ou implícito o gênero sofre na visão dos autores do texto ou dos editores das publicações. Nota-se, assim, que este capítulo se apresenta de forma um pouco diferente dos demais, na medida em que não trabalhamos com as próprias letras das canções que aparecem na mídia escrita, mas sim, como aí se representa sua relação com a poesia. A ausência desse trabalho justifica-se devido à pouca ocorrência na mídia impressa, pelo próprio caráter do gênero e pelas características de sua difusão. Entretanto, a discussão que aqui fazemos em relação aos diferentes posicionamentos que aparecem na imprensa especializada nos parece fundamental para um trabalho didático consequente com esse gênero.

A verificação se fará à luz de uma breve e prévia caracterização da identidade discursiva do gênero canção a partir de uma abordagem que leva em consideração o primado do interdiscurso (Maingueneau, 1984), isto é, o princípio que determina que a identidade um gênero só pode ser compreendida pensando a relação deste com seus outros.